

Cia. dos Atores – 18 anos

Uma companhia teatral existir no Brasil já não é algo totalmente comum. Uma companhia existir sem ser apenas a vontade de um diretor, mas mantendo-se como um grupo coeso de oito pessoas, é um fato ainda mais raro. E uma companhia assim se manter durante 18 anos é uma exceção que merece ser bastante comemorada. O grupo, formado pelos atores Enrique Diaz, Bel Garcia, César Augusto, Drica Moraes, Gustavo Gasparani, Marcelo Olinto, Marcelo Valle e Susana Ribeiro, vai lançar um livro e reestrear dois espetáculos do seu repertório.

Melodrama, peça de 1995, uma crítica emocional do gênero melodramático, encenada pela última vez em turnê por cidades da França, no final de 2005, e que estréia dia **14 de julho**, no **Teatro do Jockey**. Nestes dez anos, vários prêmios no currículo e participações em todos os importantes festivais do país, além dos festivais internacionais de Buenos Aires, Bogotá, Cádiz, Miami, Porto Rico, Nova Iorque e Almada.

Ensaio.Hamlet, uma versão bem própria de *Hamlet* – uma “desmontagem” do clássico de Shakespeare, que volta dia **11 de agosto**, também no Teatro do Jockey, depois de passar pelos palcos da Colômbia, Nova Iorque, Espanha, Rússia, França, Alemanha e Bulgária. Espetáculo, que além dos prêmios nacionais, passou por vários palcos do Brasil e acaba de receber o **Prêmio da Crítica Francesa de Melhor Espetáculo Estrangeiro de 2005**.

De todos os projetos, o livro é, naturalmente, o que tem o olhar mais voltado para os 18 anos que se passaram, contados a partir da estréia de *Rua Cordelir*. Com 172 páginas de texto e 100 de fotos, programação visual da Tecnopop e edição da Aeroplano, **na companhia dos atores** (com minúsculas mesmo) reúne artigos de integrantes da companhia sobre temas específicos, artigos de gente que colaborou (e colabora) com o grupo, como o dramaturgo Filipe Miguez e o diretor Gilberto Gawronski, ensaios de estudiosos do teatro brasileiro como Silvia Fernandes, além dos textos na íntegra de *A Bao A Qu* e *Melodrama* e de uma minuciosa cronologia. Assim, o livro foge do caminho óbvio de apenas recontar a trajetória peça a peça, embora ofereça um bom panorama do teatro carioca e brasileiro de 1988 para cá.

Tanto a edição do livro quanto a reestrela de *Ensaio.Hamlet* e *Melodrama* no Rio de Janeiro e a manutenção da sede do grupo são frutos da parceria da Cia. dos Atores com a **Petrobrás**. Em 2006, a empresa começou a patrocinar os projetos da companhia, contemplando inclusive iniciativas de menor visibilidade como a sede e uma oficina de interpretação permanente gratuita com os integrantes da companhia. A sede será inaugurada oficialmente com o lançamento do livro em julho deste ano.

Essa possibilidade de realizar trabalhos fora ou, no sentido inverso, receber artistas de fora é uma característica da Cia. dos Atores, mas está longe de ser a mais marcante. O grupo se afirmou como um dos mais importantes e originais do teatro brasileiro graças a outras marcas. Por exemplo: um forte “processo colaborativo”, como chamam os atores a prática de todos influírem no resultado dos trabalhos, trazendo contribuições, dividindo-se em subgrupos de pesquisa, trocando e acrescentando idéias até

que, a partir de um certo momento, o diretor passe a fazer um trabalho de edição e organização do material.

Outra marca, bem adequada a uma companhia que já montou duas peças de Oswald de Andrade (*A morta* e *O rei da vela*), é a antropofagia ampla, geral e irrestrita. Ou seja, tudo pode ser apropriado e reciclado para um espetáculo, sem que se precise fazer contextualizações históricas acerca de cada elemento utilizado. Uma marca estética é a combinação de vários fluxos narrativos numa só peça. Em *Melodrama*, por exemplo, os núcleos da família, da novela de rádio e da dupla ébrio/amnésico se entrecruzam todo o tempo. Esta é uma característica de todos os trabalhos, assim como é a metalinguagem: o processo de construção do espetáculo faz parte do próprio espetáculo; a arte, em especial o teatro, é o instrumento dos personagens para tentar se relacionar com o mundo.

Falar dos dias de hoje encenando *Hamlet* é o que dez entre dez diretores querem fazer. Mas preocupar-se com uma suposta fidelidade a Shakespeare, montar a peça aceitando-a como um clássico intocável pode ser o caminho mais longo para se atingir o objetivo. A Cia. dos Atores pensou numa "desmontagem" de *Hamlet* no sentido de extrair das muitas questões da peça matéria-prima para se pensar o homem de hoje – e, possivelmente, de sempre.